

## COMMENTARIOLA

### DISCIPULADO E MISSÃO: DIMENSÃO DE ESPIRITUALIDADE

Em 1975, surgiu a obra em inglês *Call to discipleship*. Logo teve a sua tradução para o português por uma editora evangélica. Seu estilo era bastante popular e enfatizava a necessidade de se proceder à formação de discípulos de Cristo, mais do que ministrar ensinamentos religiosos. Uma vez adaptado ao público católico, a editora Loyola o publicou em 1979 com o título de *Ser e fazer discípulos*.

A intenção dos autores, Juan Carlos Ortiz e Jame Buckingham, foi fazer um apelo à aventura de ser e criar discípulos. Em resumo, consistia em uma chamada para despertar adultos na fé, com sua consciência de viver o evangelho e contagiá-lo pelo mundo afora. Corresponde ao nosso antigo adágio “agere sequitur esse”. Os autores partilhavam a sua experiência de tentar praticamente obedecer ao mandato de Jesus: “fazei discípulos”, à imitação do método de Cristo.

O entusiasmo na acolhida da obra se deveu ao otimismo cristão.

Este mesmo binômio aparece agora no tema da V Conferência Geral do Episcopado da América-Latina e do Caribe: “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham vida”.

#### 1. DISCIPULADO

A expressão “seguir o mestre” e o termo “discípulo” remontam ao rabinato e aí já tinham um significado preciso, implicando e um determinado modo de vida. O “discípulo” que “seguia o mestre” se propunha como meta chegar a um conhecimento e a uma observância da lei, do modo mais perfeito possível e tornar-se um dia um mestre independente com todas as honrarias que isto comportava. Para poder atingir este fim, ele tinha de passar por um período de formação muito intensa, que não se limitava apenas à simples instrução intelectual. Implicava também em vida comum com o mestre, a fim de que o discípulo tivesse sempre diante dos olhos o exemplo perfeito de um homem que conhecia e observava a lei. Neste período de formação,

o discípulo era o empregado na casa do mestre e cuidava dos afazeres domésticos. Além disso, tinha de mostrar para com o mestre um grande respeito, que se expressava no “andar atrás do mestre”, isto é, “seguir o mestre” quando o acompanhava em público. Este “seguir o mestre” tornou-se a expressão técnica para designar toda aquela vida de formação junto ao mestre. Sinônimo de “seguir o mestre” era “ser discípulo”.<sup>1</sup> Jesus adaptou-se a este sistema. Ele era chamado “mestre”. Seus apóstolos eram chamados “discípulos”. Receberam um convite para “seguir-lo” e de fato o “seguiram”. Nota-se uma dedicação particular de Jesus à formação dos seus “discípulos”, ministrando-lhes explicações especiais; viviam com ele uma vida em comum; deixavam tudo para seguir-lo e tinham consciência de formar um grupo especial. Assim tinham diante dos olhos o exemplo do mestre que deviam imitar. Como os discípulos dos outros rabinos exerciam o ofício de “empregado”, pois estavam encarregados do dinheiro e da compra do pão.

Apesar destas semelhanças, as diferenças introduzidas por Jesus eram tão grandes que “seguir Jesus” adquiriu uma conotação inteiramente original.

Para os apóstolos a finalidade não era fazer carreira, a fim de chegarem a ser mestres. Jesus seria sempre o único mestre. Buscavam uma adesão sempre mais perfeita à pessoa de Jesus, o mesmo destino, o mesmo modo de vida.

As pessoas não escolhiam o mestre, eram escolhidas por Jesus. Entre eles havia uma variedade etária, de estado civil, de ideologias, de profissões, de instrução e condição social.

O modo de recrutamento dos discípulos era bastante rigoroso. Prevalencia a qualidade sobre a quantidade. Era requisito essencial uma adesão incondicional à pessoa de Cristo. Nem todos que desejavam podiam de fato “seguir-lo”. Nem todos os chamados aceitavam o convite para seguir-lo. Deixava liberdade de opção.

Os primeiros cristãos tinham a consciência de ser o novo povo de Deus, com base no fundamento dos apóstolos. O relacionamento destes com Cristo tornava-se para eles como um espelho de como deveria ser o vínculo de cada cristão com o Cristo vivo no meio deles.

Depois da ascensão de Jesus não era mais possível “seguir Jesus”, “andar atrás dele” aonde quer que ele fosse à maneira dos apóstolos. A sua presença manifestava-se agora de outro modo. Ele era o Senhor invisível, presente no meio deles. A grande preocupação dos pri-

---

<sup>1</sup> A. SCHULZ, *Suivre et imiter le Christ*, Coll. Lire la Bible, n° 5, Paris 1966, p. 14.

meiros cristãos era “viver em Cristo” e não mais “viver na companhia (corporal) de Jesus”.

Foram assim alargando o sentido dos textos e aplicando a todos aquilo que inicialmente dizia relação unicamente aos apóstolos. Isto se observa comparando entre si o teor verbal dos textos nos evangelhos sinóticos: *Mt* 16, 24 e *Lc* 9, 23; *Lc* 14, 25-27 e *Mt* 10, 1-5. É uma releitura do texto com o fim de atualizá-lo.

Os teólogos atuais distinguem o seguimento pré-pascal do Jesus histórico do seguimento pós-pascal dentro de um novo modelo da experiência de Jesus ressuscitado, como é ilustrado pelo episódio de Emaús. O primeiro tem características de hesitação, dependência e desconcerto. No segundo transparecem fé e coragem. “Parrésia” dizem agora. Esta seria a exemplaridade para os nossos dias, nós que vivemos o tempo posterior à Páscoa.

Percebe-se hoje que na vivência do cristianismo existe uma acentuação de certo texto do evangelho, originando daí um estilo de discípulo formado em determinado método. No caso, o método dialogal nos aponta o cristão visto como fermento e sal no mundo com uma presença crítico-escatológica, vivenciando a eclesiologia descrita na famosa Carta a Diogneto. O método catecumenal salienta a redescoberta da antiga praxe cristã da iniciação por etapas progressivas até a comunidade remida e missionária. O reavivamento da vida espiritual mediante um novo contato com o Espírito, visando à renovação de um Pentecostes é nota do método carismático. O método de transformação profético-social busca a reconstrução de uma nova ordem social, graças a uma síntese entre fé e cultura, Igreja e sociedade.

## 2. MISSÃO

Todo seguimento de Jesus, em qualquer forma cristã, é medido pela sua capacidade prática de orientar-se historicamente para o Reino de Deus. Foi este o horizonte que Cristo manteve diante dos seus olhos. Por isso leva a sua comunidade a extrapolar círculos familiares ou grupais, como fronteiras culturais e sociais. A Igreja carrega uma marca de serviço a essa pretensão: “para todos os povos”. Somos uma comunidade para fora, não para dentro. Contudo, no desenrolar da história, o exercício da missão está normalmente sujeito às mentalidades e estruturas que se criam e têm suas repercussões concretas. A história da ação da Igreja, enquanto instituição, revela deficiências, mediocridade, pusilanimidade, falta de abertura de espírito, levando a atitudes pastorais nem sempre corretas.

A vida apostólica dos primeiros cristãos foi desde sempre o arquétipo e o ideal para a vida cristã. Por conseguinte, é importante conhecer como os cristãos inseriam o evangelho no mundo e como o manifestavam ao mundo.

Parece que a característica fundamental da pastoral nesses primeiros séculos era ser ela uma pastoral da Palavra, pastoral profética, de uma Igreja profundamente missionária. Seu testemunho era de alegria, fraternidade, caridade e coesão entre si. Apresentava-se então como resposta às expectativas mais profundas do ser humano na época. No centro dessa vida fraterna situava-se a pessoa de Cristo, tanto na fracção do pão como na força da koinonia. Também nos dons especiais do Espírito Santo e nos milagres operados pelas mãos dos apóstolos.

Esta vida e atividade conferiam vigor e veracidade à pregação dos apóstolos. No anúncio do evangelho, não se limitavam a transmitir doutrinas, mas procuravam antes de tudo iluminar os fatos concretos da vida à luz da convicção mais profunda que os animava, a saber, à luz do fato de que Jesus era o Senhor e Salvador.

Portanto, para os primeiros cristãos o evangelho a ser vivido e pregado não era apenas uma doutrina ou uma “regra”, mas era antes de tudo libertação concreta do homem pelo poder de Cristo, de todos os seus males e realização plena de todas suas legítimas aspirações. Tudo era orientado para a implantação do Reino de Deus no mundo entre os homens.

A realidade na qual viviam os cristãos era como um filtro para viver a vida dos apóstolos. Como nos tempos apostólicos, também hoje esta voz de Cristo se apresenta diferentemente à consciência de cada um. Provoca então diversos tipos de adesão como aconteceu nos primórdios da igreja. Todos ouvem o mesmo apelo geral, sempre atual, mas nem sempre o entendem da mesma maneira.

A pastoral se desenvolveu em longo percurso do tempo como uma orientação mais para os pastores. Poderíamos dizer: era clerical. Foi praticamente uma aplicação do Código de Direito Canônico. Importante era cumprir todas as normas. Mais tarde, na década de sessenta, nos primórdios do Concílio Vaticano II, era comum a experiência das chamadas Paróquias-piloto. Podia-se acompanhar de perto o desenvolvimento de um tipo de pastoral: aprender vendo. A pedido do Papa João XXIII elaborou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil o Plano de Emergência, em 1962. Em seguida vieram os Planos de Pastoral de Conjunto. Detivemo-nos no instrumental de Planos, sendo que, de acordo com as circunstâncias, atualmente são enfatizadas algumas pastorais, como atualmente a da Acolhida. Nem sempre, porém, se avaliam se são efetivas.

Em razão de certos modismos passamos de um para outro método com a maior facilidade. A Igreja sempre se demonstrou mestra na maneira de conduzir manifestações de massa. Acabou até sendo copiada, por vezes, por facções partidárias. Verificou-se depois que não era o suficiente para dar maior consistência ao corpo eclesial, por isso a atenção se voltou para a multiplicação de comunidades e grupos em detrimento do grande público. A experiência demonstrou que os grupos não eram capazes de absorver, não digo toda a massa católica, pelo menos a maior parte. Esta ficou desatendida e teve de se contentar com menor consideração pastoral. E em grande parte migrou para aglomerados em que são atendidas religiosamente em forma de auditório. Um fator agravante foi a entrada em cena de canais televisivos confessionais. Mais recentemente se vêm envidando esforços para retomar a pastoral de massa.

Sentimos que os Planos de Pastoral, na prática, ficam aquém do desejado. Por outro lado, as iniciativas pastorais padecem de uma característica artesanal e atendem mais a urgências do momento. Talvez seria o caso de olharmos para as recentes experiências que se fizeram de missões em grandes cidades como Viena, Paris, Bruxelas e Lisboa, atendendo às demandas próprias de nossas grandes cidades, tendo em vista que a urbanização do nosso país vai em passo muito acelerado. Por outro lado, não pode ficar descartada a nossa situação de precariedade de clero e de leigos engajados, fazendo sentir a necessidade de utilização de instrumentos pastorais extraordinários. O sistema paroquial ainda goza da prerrogativa de eficiência, porém, não consegue ir muito além da manutenção do serviço religioso, embora respeitados todos os seus empreendimentos de renovação.

### 3. ITINERÁRIOS

A pergunta que se coloca imediatamente, até por razões pragmáticas, com que meios se pode aplicar a formação para o discipulado e para a missionariedade. Aos nossos olhos se desenham os recursos existentes dos Movimentos eclesiais e das chamadas novas comunidades.

“Braço missionário da Igreja” é como são intitulados no momento. Sem dúvida constituem a nota característica da Igreja atual. São itinerários concretos, de maior ou menor flexibilidade, procedendo por etapas progressivas. A sociologia chama “comunidades do quente”, onde predomina o elemento afetivo.

Torna-se muito difícil encontrar uma forma adequada de classificação deles. Os ângulos de observação são os mais diversos. A tipo-

logia dependerá da consideração de motivações, funções latentes e patentes, relações internas e externas, destinatários, funções, carismas, etc. A preferência dos sociólogos vai para o estudo das relações com as estruturas, entendendo por estas a complexidade sócio-cultural. Adotamos a classificação segundo o princípio da racionalização pastoral:

1. Movimentos e grupos de iniciação cristã: sua proposta é uma caminhada de fé, numa linha psico-social de inovação, mais do que renovação, porquanto pretendem apresentar um iter inteiramente novo, afetando não só os meios, mas também a própria meta da formação. Querendo fazer tabula rasa do patrimônio espiritual do candidato, após fazer uma verdadeira desmontagem de todo o adquirido do cristão, encaminha-o para uma redescoberta da Palavra de Deus, de retomada dos compromissos sacramentais e eclesiais, insistindo numa pertença rígida ao grupo. Aqui podemos citar as comunidades neo-catecumenais e os cursilhos de cristandade.
2. Movimentos e grupos de formação: seu processo de transformação é menos radical, satisfaz-se em imprimir maior eficiência aos meios, deixando intata a meta. Pressupõe a existência de um embrião de opção cristã, o qual deve ser convenientemente amadurecido. Conta com recursos tais como o aprofundamento da Palavra, a oração freqüente em comum, particulares exercícios de piedade e de renovação interior, integração em associações com um programa de formação orgânico, a colaboração em serviços promocionais ou assistenciais. Aqui se destacam os focolarinos, o movimento de Schönstatt, grupos bíblicos, grupos ligados a Institutos Religiosos e certas CEBs em comunhão com a hierarquia.
3. Movimentos e grupos devocionais: inspiram-se via-de-regra em um fundador (por exemplo o Padre Gobbi, Medjugorje), uma instituição (como santuário mariano, associação de devotos, confrarias, videntes), numa aparição (Fátima, Lourdes, Tre Fontane) ou num mistério cristão (eucaristia, a paixão, devoção aos falecidos). Isto se expressa em forma de oração ou de adoração, testemunho público ou de práticas penitenciais. Podemos citar o Exército Azul, Movimento Sacerdotal Mariano.
4. Movimentos e grupos sócio-caritativos: dedicam-se ao atendimento ao excluído. Num trabalho de promoção humana e social, esforçam-se para que os pobres venham a ser protagonistas na pastoral da Igreja, devolvendo-lhes sua dignidade

- humana e eclesial. Encontram-se freqüentemente nas periferias das cidades. São as comunidades de recuperação dos adictos de álcool e de droga, as comunidades da Arca de Jean Vanier, os trabalhos das Conferências Vicentinas.
5. Movimentos e grupos de compromisso cultural: seu objetivo é um aprofundamento da fé e da teologia, até a pesquisa de mediações culturais adequadas em vista de contribuir para encarnar a fé na história em um processo sempre novo de inculturação. Podem ser citados grupos e movimentos de natureza variada (docentes, estudantes, homens de cultura e outros). Encontramo-los muitas vezes junto às universidades católicas.
  6. Grupos e comunidades de evangelismo monástico: constituem uma reminiscência do ideal fraterno da Igreja primitiva ou cenobítica. Defrontam-se com as divisões e fugas na utopia regressiva ou progressista, tão presentes atualmente na Igreja. Entusiasmam principalmente os jovens. Taizé e seus semelhantes são o exemplo clássico.
  7. Movimentos e grupos de apostolado: gravitam em geral em torno de paróquias e dioceses. Assumem seus planos de evangelização, de vida e de diaconia, tanto como próprios como dando-lhes tonalidades particulares. Costuma ser extenso seu programa de formação pessoal e comunitário. É o caso da Comunhão e Libertação.<sup>2</sup>

#### 4. COMUNIDADE

Cristo chama e reúne os seus discípulos. Já no início efetua uma nucleação entre eles, em termos horizontais. Cria-se uma comunidade.

Desde sempre a forma de vida em comunidade foi tomada segundo o modelo da comunidade de Jerusalém, conforme vem descrita no livro dos Atos dos Apóstolos. Nas regras de vida monástica e religiosa, era este o ideal, a grande aspiração. O Concílio Vaticano II privilegiou tal tipo de modelo.

Hoje se acrescenta a contribuição dos complementos das comunidades joanina e paulina com elementos de corresponsabilidade, confissão de fé em Cristo, esperança escatológica, percursos práticos para a edificação da casa comum e mediação cultural.

---

<sup>2</sup> BRUNO SECONDIN, O.CARM., *I nuovi protagonisti. Movimenti, associazioni, gruppi nella Chiesa*, Ed. Paoline, Cinisello Balsamo (Milano), pp. 131-135.

É bastante claro o valor normativo emprestado à descrição da comunidade de Jerusalém no livro dos Atos, afinal é a comunidade fundante.

Nela, porém, nos deparamos com valores e limites. De um lado, observamos a comunhão, a caridade, a partilha, a fidelidade à Palavra e à fracção do pão, os serviços recíprocos. Do outro lado, certo espírito setário, a atitude de reação de defesa contra a opressão hostil dos fariseus e dos chefes religiosos, o demasiado condicionamento pelas tradições judaicas. É uma comunidade que acentua a força centrípeta, de coesão, a comunhão em detrimento da difusão e da missionariedade.

Haveria um outro modelo mais próximo da nossa realidade atual? Poderia ser o modelo da comunidade de Antioquia, uma alternativa. Esta era uma cidade grande cosmopolita, politeísta, multirreligiosa, multi-étnica, profundamente heterogênea. Situava-se na fronteira entre o mundo helenista e as populações da Ásia Menor. Como se vê, era uma realidade mais próxima dos nossos atuais desafios marcados pela secularização.

Sua fundação foi casual e traumática ao mesmo tempo: surgiu por ocasião da dispersão dos cristãos após a perseguição que se desencadeou com o martírio de Santo Estevão. Era a terceira cidade do Império: possuía quinhentos mil habitantes. Destacava-se como centro comercial, cultural. Em razão do aparecimento de outros interlocutores, os gregos e pagãos, fez-se necessária a criação de uma nova linguagem, um novo iter de temas e novas referências, embora guardando o mesmo conteúdo, isto é, a boa nova do Senhor Jesus Cristo.

A reação imediata de Jerusalém é o medo diante do novo. Com fina ironia, diz São Lucas: “chegou aos ouvidos da Igreja de Jerusalém”. É como se dissesse que ficaram de orelha em pé.

Protagonistas desta nova situação são Barnabé, o homem da conciliação, e Saulo, o inovador, o pioneiro. O crescimento de uma comunidade madura desperta a necessidade missionária “ad gentes” (At 13, 1-3). Barnabé e Saulo vão plantando comunidades, numa configuração de arquipélago, e põem à sua frente responsáveis locais (At 14, 21-23).

Estas novas experiências provocam uma crise em todo sistema de Igreja (At 15). Arma-se uma tensão entre o recente e o antigo, tradicionalistas e progressistas. É então quando se convoca o primeiro Concílio de Jerusalém.

Antioquia tem o que ensinar: um modelo dinâmico e pluralista. Bem nos moldes do que é hoje pedido à Igreja: “nova evangelização: nova no seu ardor, nos seus métodos e na sua expressão”. Urge entre

nós passar de um beletismo para uma efetivação, existe a urgência de mais pragmatismo e menos planos e projetos.<sup>3</sup>

Uma leitura superficial do livro dos Atos já nos permite discernir a passagem da Palavra da comunidade judaica de Jerusalém, nas sinagogas da Diáspora, onde judeus e prosélitos se misturam com o meio francamente pagão de Lystros e da Grécia. Em ambas a pregação apostólica pode se basear nas Escrituras. Mas é preciso situá-lo entre este anúncio na sinagoga, onde as profecias se tornam claras pelo Cristo, e o meio pagão, onde já não se trata de lançar mão da Lei ou dos Profetas para anunciar a ressurreição. Este limiar a transpor exige um novo estilo querigmático: uma leitura mais profunda dos Atos bem como do início da primeira epístola aos tessalonicenses permite-nos percebê-lo.

A dupla forma que toma o querigma apostólico explica-se pela visão do mundo que comanda a missão em suas origens. Na sinagoga, trata-se essencialmente de dar testemunho da Ressurreição apoiando-se sobre a Promessa e explicando as Escrituras. A pregação aos pagãos deve fazê-los abandonarem seus ídolos para converterem-se ao Deus vivo e verdadeiro, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó e também o Deus de Jesus Cristo. Esta transmissão não pode logo apelar para a história do povo judeu, mas poderá, talvez, apoiar-se numa preparação mais ampla: a que explica o destino do homem no coração das obras de Deus, desde a criação do mundo.

Pode a redescoberta do querigma primitivo ajudar a pregação missionária da Igreja atual a abrir caminho? Em que medida é normativo o querigma apostólico?

Sem nos precipitarmos com conclusões definitivas, preferimos modestamente sugerir orientações inteiramente gerais.

Se se tratar da *pregação conjunta cristã na sua globalidade*, desde a homilia dominical, a catequese de crianças ou de adultos, até uma forma mais missionária, as comunidades que devemos despertar ou a não-crentes em busca, não receamos afirmar que o querigma é normativo.

---

<sup>3</sup> D. S. WALLACE-HADRILL, *Christian Antioch: A Study of Early Christian Thought in the East*, University Press, Cambridge 1982; M.E. BROWN-J.P. MEIER, *Antiochia e Roma, Chiese-madri della cattolicità antica*, Cittadella, Assisi 1987; M. D. BURGOS NUÑEZ, *La Comunidad de Antioquia: Aspectos históricos y papel profético en los Orígenes del Cristianismo*, in *Communio* (Espana), 15 (1981), pp. 3-26, cit. em BRUNO SECONDIN, O.CARM., *Abitare gli orizzonti: Simboli, modelli e sfide della vita consacrata*, Paoline, Milano 2002, p. 141.

Se se tratar do chamado *querigma da renovação*, o que é procurado pela renovação da “missão interior” por exemplo, o querigma apostólico é ainda mais normativo. A finalidade própria desta pregação, que se tornou tradicional nas instituições da Igreja, não é fazer catequese, a não ser por modo supletivo. Seu objetivo é despertar a fé dos cristãos e o testemunho das comunidades.

Se se tratar de *evangelização propriamente dita*, isto é, da mensagem aos de fora, é evidente que as formas e as etapas do querigma, com sua complexidade e fluência, podem guiar nossa reflexão e busca. Daí o acontecimento pascal dará um sentido de vida e de marcha aos homens. Há outros não crentes, e são sem dúvida os mais numerosos, que não podem escutar este testemunho sem uma caminhada lenta e progressiva. Quanto a estes, a evangelização requer uma pré-evangelização que pertence ao campo do sinal (testemunho dos cristãos e das comunidades que suscitem interrogações), mas também ao da Palavra. Neste ponto é que o andamento do querigma aos gentios parece carregado de sentido.

## 5. QUESTÕES ABERTAS

Há muito de comum neste Novo Continente Latino-Americano. Contudo sabemos que nem todas as questões podem ser tratadas de maneira unívoca: corremos o risco de usar a mesma terminologia, porém, com referências nitidamente diferentes, como indígenas, negros, pobreza, etc. Sem dúvida alguma, pode-se falar de uma espiritualidade latino-americana, enquanto nos encontramos em um denominador comum, como oportunamente discorreu Segundo Galiléia.<sup>4</sup>

Cumprе ressaltar, porém, que a América lusitana está marcada por uma espiritualidade inaciana, que tem traços mais de ordem ascética, embora Segundo Galiléia a classifique simplesmente de mística. Esta é mais evidente na espiritualidade da América espanhola. Explica-se isto por um fator de ordem histórica. A título de ilustração podemos citar o caso dos religiosos carmelitas, segundo pesquisa do historiador Frei Wilmar Santin. “Os carmelitas chegaram ao Brasil em 1580, mas só tardiamente em 1695, portanto 115 anos depois, entraram no trabalho missionário com os índios. Inicialmente se

---

<sup>4</sup> SEGUNDO GALILEIA, *As raízes da espiritualidade latino-americana: (os místicos ibéricos)*, Ed. Paulinas, SP 1984, 101 pp.

dedicaram ao trabalho com o povo das cidades, porque basicamente só os jesuítas tinham permissão para o trabalho missionário com os índios até 1693, quando houve uma nova repartição das missões. Nestas foram incluídos os franciscanos e mercedários, mas os carmelitas ficaram de fora. Em novembro de 1694, o rei de Portugal confiou aos carmelitas as missões dos rios Negro e Madeira”.<sup>5</sup>

Por conseguinte, as Ordens Mendicantes, caracterizadas por uma espiritualidade de cunho místico, exerceram sua influência mais no âmbito hispânico. Teríamos então que olhar com certa ressalva a afirmação generalizadora da dominação da mística ibérica na América Latina.

Não só a presença do Papa Bento XVI na Conferência terá a sua nítida influência, mas também o seu pensamento. Este vai emergindo a partir dos seus pronunciamentos em eventos públicos. Em outubro do ano passado se realizou na Itália o Encontro de Verona. Que tipo de presença pública a Igreja reivindica ou aspira neste continente? Agora que no horizonte se esboça clara opção ideológica em alguns países, a que se atribui o nome de “socialismo” e se pretende implantá-lo até por vias da educação formal. Por outro lado, temas há muito debatidos na Europa são para aqui transferidos com o objetivo de se fixar uma política governamental como é o caso do aborto e união de pessoas do mesmo sexo. Ali o Pontífice afirmou que “o cristianismo e a Igreja tiveram desde o início uma dimensão e um valor também públicos”. Teve o cuidado de definir o lugar da instituição eclesial no âmbito do Estado: “A Igreja não é nem tenciona ser um agente político. Ao mesmo tempo, tem um profundo interesse pelo bem da comunidade política, cuja alma é a justiça...” Contudo não deixou de referir-se a questões delicadas que tocam a consciência: “mas é necessário também enfrentar, com igual determinação e clareza de intenções, o risco de opções políticas e legislativas, que contradizem valores fundamentais e princípios antropológicos e éticos radicados na natureza do ser humano, de modo particular no que se refere à tutela da vida humana em todas as suas fases, desde a concepção até a morte natural, e à promoção da família fundada no matrimônio, evitando introduzir no ordenamento público outras formas de união que contribuiriam para desestabilizar, obscurecendo seu caráter peculiar e o seu papel insubstituível”.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> [http://br.geocities.com/wilmarsantin/Missoes\\_Carmelitas\\_AM.htm](http://br.geocities.com/wilmarsantin/Missoes_Carmelitas_AM.htm).

<sup>6</sup> *Osservatore Romano*, n°43, 28 de outubro de 2006, p. 4 (512).

No discurso aos nuncios apostólicos da América Latina, a 17 de fevereiro do presente ano em preparação à Conferência Geral do Episcopado latino-americano e do Caribe, apontou o Papa Ratzinger como desafios da ordem social: a consolidação da paz interna de cada nação; a pressão sofrida pela pressão dos lobbies sobre as famílias para o encaminhamento dos processos legislativos; o fenômeno da migração, da educação, dos valores e da consciência. Entre os desafios de ordem religiosa e eclesial destacou: o fato de nações que se “limitam” a conceder liberdade de credo e de culto, mas ainda não “reconhecem” a liberdade religiosa, daí a necessidade correta da formulação jurídica de tais relacionamentos. Mencionou o proselitismo das seitas e influências do secularismo hedonista pós-moderno. Insistiu como medidas de atendimento às carências indicadas: o acompanhamento vocacional dos seminaristas, dos aspirantes à vida consagrada, assim como a ajuda aos sacerdotes e religiosos em vista de sua perseverança. Acentuou a formação dos leigos para sua atuação na vida social e civil. Fez onexo entre a ética e a opinião pública. Recomendou uma presença maior da Igreja nas mídias. Elogiou os Movimentos eclesiais demonstrando o seu papel de válido recurso para o apostolado, porém, reconheceu que requerem um apoio a fim de salvaguardar a fidelidade ao evangelho e ensinamento da Igreja, também quando operam no campo social e político.

Finalmente contamos com a Síntese das contribuições da Igreja no Brasil à Conferência de Aparecida.<sup>7</sup>

Existe uma insistência em prosseguir nas diretrizes fundamentais do Concílio Vaticano II, na caminhada das Conferências anteriores, na opção evangélica pelos pobres, na importância das Igrejas Particulares e na colegialidade episcopal. Apresentam-se também os pontos irrenunciáveis para a caminhada da Igreja, hoje, tais como: dioceses, religiosos, movimentos, teólogos e organismos pastorais. Chama-nos a atenção que a organização de todo o material obedece ao trinômio ver-julgar-agir, que fora abandonado na Conferência de Santo Domingo, em 1992. Alimenta-se então a esperança de que o Papa Bento XVI e a Conferência de Aparecida novamente darão legitimidade ao método.

Fato recente é a punição imposta a Jon Sobrino, teólogo nascido na Espanha, mas radicado em El Salvador há cinqüenta anos. Uns a interpretam como um presságio de algo que poderá vir a acontecer no

---

<sup>7</sup> [www.cnbb.org/documento\\_geral/SinteseContribuicoes.doc](http://www.cnbb.org/documento_geral/SinteseContribuicoes.doc).

desenrolar da Conferência de Aparecida. Outros, com mais ousadia, encaram-na como uma previsão das indicações que o Papa ditará à Igreja Latino-americana.

Em meio a tantos prognósticos, anseios e esperanças só nos cabe repetir: *“Discípulos e missionários vossos, queremos remar mar adentro, para que nossos povos tenham em Vós vida abundante, e com solidariedade construam a fraternidade e a paz”*.

PAULO GOLLARTE, O.CARM.

*Paróquia Sta. Teresa de Jesus  
São Paulo*